

De lá se reza por nós

Madre Maria Madalena e as demais 15 freiras enclausuradas que vivem no Lago Sul veem o mundo por uma janela gradeada e cortinada. Em severo isolamento, elas são as "sentinelas" da cidade

» FLÁVIA MAIA

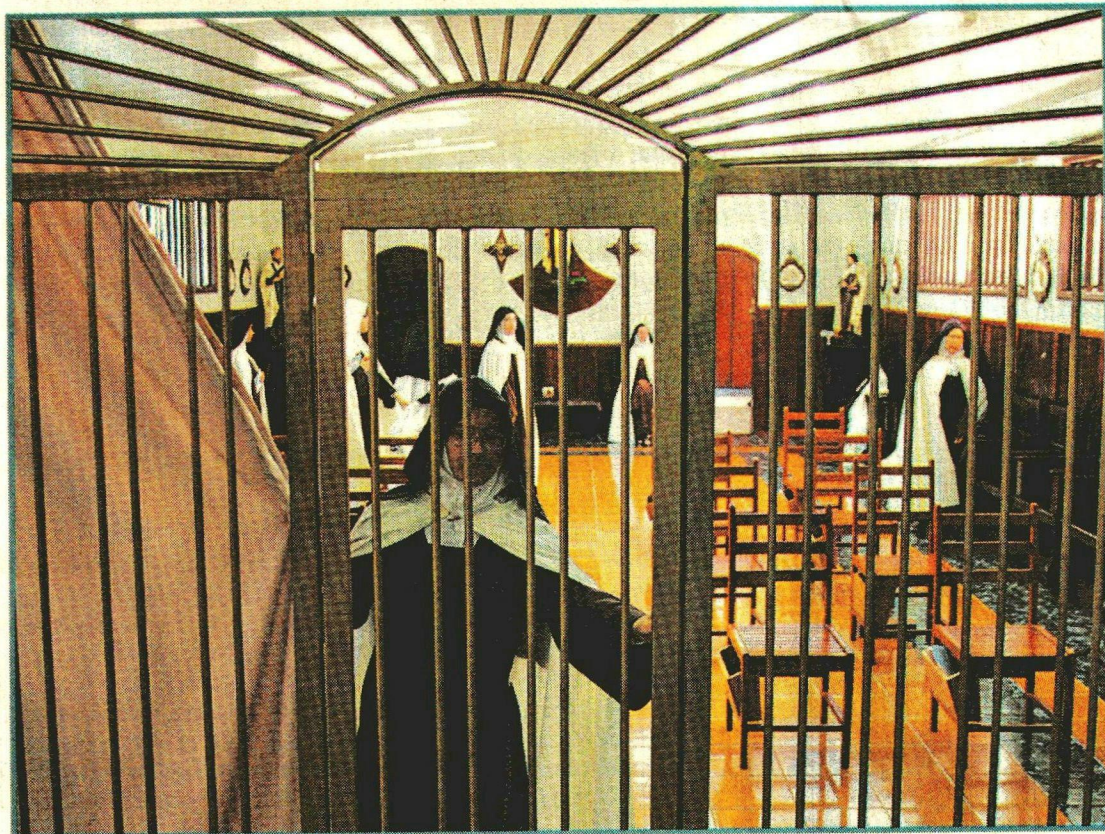
Fotos: Carlos Silva/CB/D.A Press

O tilintar do sino quebra o silêncio. O leve som de metal batendo simboliza que as freiras enclausuradas do convento Nossa Senhora do Carmo vão abrir a pesada cortina branca que as guarda do mundo exterior. Há ainda uma grade que protege as religiosas de qualquer eventual contato físico com os visitantes. Para as carmelitas, só por meio da reclusão é possível chegar ao máximo de intimidade com Deus. Até mesmo na missa elas ficam isoladas do público e separadas por uma grade. É desse lugar que elas participam da liturgia da celebração. De lá, conseguem ver o altar, os fiéis sentados do lado direito e os vitrais coloridos com imagens religiosas.

A brasiliense Maria Madalena da Cruz escolheu a clausura aos 22 anos. A hoje madre vive a rotina de reclusão há 16 dos seus 38 anos e tem certeza que nunca deixará o convento do Carmelo, nem mesmo depois da morte. "A gente não sai daqui nem morta porque temos uma capela mortuária e somos enterradas dentro do convento. Somos a sentinela do Senhor em Brasília."

No pequeno cômodo onde recebe os fiéis, a madre vê sempre o mesmo cenário: três cadeiras, uma luz que entra por janelas basculantes e um móvel segurando o quadro de Cristo ainda menino. "Ficamos entre duas janelas, a de Deus e a do homem, e as duas se completam porque não existe amor de Deus sem o amor ao próximo, e é o amor ao próximo que nos leva ao amor de Deus."

A fala pausada de quem tem a palavra de Deus e as mãos quase sempre guardadas no hábito segurando o terço de madeira passam a impressão de que o corpo acompanha a opção da clausura e também se fecha. Nem tanto. O sorriso aberto e franco de madre Maria Madalena anunciam alegria, serenidade e afeto. Longe de se sentir presa, a religiosa não recebe a reclusão como sacrifício, mas como uma liberdade diferente daquela que os mortais de vida mundana imaginam e desejam. "Não precisamos nos preocupar com a moda, com a política, com tragédias, somente com a ternura de Deus."



"Ficamos entre duas janelas, a de Deus e a do homem, e as duas se completam porque não existe amor de Deus sem o amor ao próximo, e é o amor ao próximo que nos leva ao amor de Deus"

As carmelitas não leem jornal, não veem televisão e não escutam rádio. Só são autorizadas a deixar o convento para consultas médicas e compras de mantimentos. Nesses raros momentos de saída, aproveitam para reencontrar familiares. As únicas notícias que chegam ao convento são as vindas do Vaticano, seja pelo jornal *Observatório Romano* ou pelos DVDs enviados para a formação das irmãs. As freiras da ordem vivem a mesma rotina há 500 anos: o relógio desperta às 4h30 e às 5h começam as orações que se estendem até as 22h, intercaladas em dois momentos

pessoais com sete comunitários. No resto do tempo, dedicam-se às tarefas domésticas e aos trabalhos manuais.

O convento do Carmelo, na Ermida Dom Bosco, abriga 16 freiras de 24 a 92 anos. Madre Maria Madalena carrega na cabeça o véu preto comprido indicando que ela está há mais de seis anos enclausurada na congregação. Quando uma mulher deixa para trás os cabelos soltos e uma irmã troca o véu branco pelo preto é a certeza de que a proximidade com Deus não para de crescer. "Espero ser a janela que reflita Deus no coração daqueles que nos procuram."

JANELA DO CAMPO DA ESPERANÇA

Uma película escura impede que o diretor do Campo da Esperança, Rodrigo Macedo, acompanhe o contínuo movimento no mais importante cemitério de Brasília. A ventana de ferro ocupa boa parte da parede. Foi vedada para que os funcionários pudessem se proteger da lembrança constante da morte, da tragédia, da tristeza. Mesmo assim, dos clarões de luz que passam pelas oito ventanas abertas, Macedo observa o entra e sai nas capelas e, se esticar um pouco o pescoço, verá, à esquerda, túmulos, cruzes, flores, imagens de santos, fotografias de mortos. "O que mais nos toca é enterro de criança. A comoção de todos é bem maior." Mas há enterro — ele vê da janela — em que só aparecem duas ou três pessoas. E não têm sido raros. Os vivos não estão mais tão interessados em acompanhar seus mortos ao cemitério. "A quantidade de visitas tem diminuído muito", diz o homem da janela da despedida.

Daniel Ferreira/CB/D.A Press

